



Cultura de la información

Informação e movimentos sociais: desafios da Ciência da Informação na era digital

Ana Carolina Silva Biscalchin

Universidade de São Paulo,
Escola de Comunicações e Artes
Brasil · anacarolinabis@gmail.com

Héctor René Mena

Universidade de São Paulo,
Escola de Comunicações e Artes
Brasil · hmena@usp.br

Resumo: O artigo aborda a importância da compreensão social da Ciência da Informação, dada as configurações econômicas, sociais e culturais no século XXI, as quais dependeram basicamente do conhecimento e da informação. Nesse contexto, busca-se refletir sobre a apropriação social das TIC, a partir do estudo de dois fenômenos coletivos organizados em rede o Mídia NINJA (Brasil) e desInformémonos (México), a fim de apresentar alguns dos seus resultados na produção de recursos informacionais e culturais. Para isso, se considera o Midialivrisimo como categoria fundamental para contribuir à conquista dessa expressão cultural, participação cívica e deliberação democrática. Metodologicamente, o estudo é de natureza documentária e bibliográfica, de modo que apresenta uma análise conceitual das questões abordadas.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Midialivrisimo; Movimetos Sociais; Tecnologias de Informação e da Comunicação; Apropriação Social da Informação.

Abstract: The article discusses the importance of social understanding of Information Science, given the economic, social and cultural settings in the XXI century, which depended, basically, on the knowledge and information. In this context, this research seeks to reflect on the social appropriation of ICT, from the study of two collective phenomena organized in a network, the Mídia NINJA (Brazil) and desInformémonos (México), in order to present some of their results in the production of informational and cultural resources. For this, Midialivrisimo is considered as a fundamental category to contribute to the achievement of cultural expression, civic participation and democratic deliberation. Methodologically, this study is documentary and bibliographical in nature, so that it presents a conceptual analysis of the issues addressed.

Keywords: Information Science; Midialivrisimo; Social Movements; Information and Communication Technologies; Social appropriation of information.

Introdução

As configurações econômicas, sociais e culturais ocorridas no último século dependeram basicamente do conhecimento e da informação, nesse cenário é preciso estimular o debate acerca da agenda de pesquisa da Ciência da Informação (CI) na análise de problemas sociais contemporâneos. Assim, no presente trabalho, objetiva-se elencar algumas reflexões sobre o poder da internet como uma rede de informação descentralizada e autônoma, na qual movimentos sociais podem se organizar de maneira livre.

Partindo metodologicamente de pesquisas de natureza documentária e bibliográfica para apresentar uma análise conceitual das questões abordadas, serão ainda estudados os casos dos coletivos culturais mediáticos, Mídia NINJA (Brasil) e desInformémonos (México), na perspectiva de seus resultados políticos e culturais assim como, do papel da Ciência da Informação no contexto informacional emergente. A primeira parte do documento destaca esse papel social que a CI cumpre ao se debruçar sobre o entendimento dos movimentos sociais emergentes na era digital e que se utilizam das características da sociedade do conhecimento para se consolidar transformando informação em práticas sociais significativas.

O tópico seguinte, trata das perspectivas dos movimentos sociais em rede e sua relação com juventude e Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC), a emergência de uma autocomunicação (Castells, 2013), as promessas de democracia e a visão da rede como uma plataforma independente de enfrentamento dos problemas sociais mas que não se efetiva por completo mediante as dinâmicas econômicas e de interesse de grandes corporações. Assim como, o ciberativismo que se configura como iniciativas nativas do mundo digital que compõe movimentos sociais como o midialivrismo. Segue a análise proposta com o terceiro tópico, no qual serão descritos e abordados esses movimentos midialivristas, os coletivos Mídia NINJA e o desInformémonos, para em seguida discutir aspectos concorrentes ao campo da CI no contexto da apropriação social da informação que ocorre por meio dessas iniciativas. As considerações finais apontam para uma breve reflexão acerca

Informação para ação: Ciência da Informação e seu papel social

Em seu célebre texto "Para una crítica de la violencia y otros ensayos" (1991), Walter Benjamin observava que o mundo estava caracterizado por uma pobreza de experiências – a experiência entendida como o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca; não o que acontece, ou o que toca. Nessa perspectiva, o autor explicava de que cada dia podem passar muitas coisas, entretanto, isso não garante de que algo nos aconteça.

A crítica de Benjamin, ainda que pouco explorada neste trabalho, pode estimular o debate inicial acerca da influência da Ciência da Informação (CI), como campo do conhecimento, na perspectiva de suas contribuições na análise de problemas contemporâneos e, sob os quais, é preciso tecer algumas reflexões para escapar das ideias convencionais como premissas não examinadas da pesquisa. Assim, de acordo com o professor e filósofo espanhol, Jorge Larrosa Bondía (2002), uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível. Nas palavras do autor:

A informação não é experiência [...] a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado", o que consegue é que nada lhe aconteça (Larrosa Bondía, 2002, p.22).

A distinção feita pelo autor acerca da concepção da informação e do saber – não no sentido de sabedoria, mas no sentido de estar informado – é importante para não homogeneizar o campo de aplicação da ciência que estuda a informação. Assim, é preciso apresentar algumas das múltiplas formas que tem desdobrado a expressão,

em relação a seu significado. Até finais do século XIX, “o termo possuía o sentido relativamente estabelecido de notícia, fato ou evento comunicado por alguém ou por uma instituição” (Almeida, 2009, p.13). A partir dessa perspectiva, foi no decorrer do século XX, principalmente em sua segunda metade, que a concepção ganhou novos matizes. Aqui vamos nos interessar por dois. Seguindo com Almeida, uma primeira definição é a adotada pela cibernética, definindo informação como medida de incerteza, como processo de introdução de ordem num sistema tendencialmente entrópico. O conceito é derivado da economia neoclássica, a qual propõe a equidade e neutralidade da informação para a utilização ótima de recursos. Uma segunda concepção aparece na década dos 70, quando autores como Marc Porat e Daniel Bell utilizam a expressão informação para se referir a um processamento de dados em seu sentido mais amplo: estocar, recuperar e processar dados como atividade e/ou recurso essencial para todas as trocas econômicas e sociais.

A Ciência da Informação (CI) desde seu início nos anos 50 tem trabalhado com as duas concepções, como assinala um dos clássicos da área, Tefco Saracevic, em um de seus ensaios sobre a origem, a evolução e as relações da CI, “[...] a Ciência da Informação é definida como um campo englobando, tanto a pesquisa científica quanto a prática profissional, pelos problemas que propõe e pelos métodos que escolheu, ao longo do tempo para solucioná-los” (1996, p.41). O entendimento dessa dualidade científica e social da área vincula-se com a discussão inicial em torno à participação da área na análise de problemas contemporâneos, na medida em que, por um lado, a CI evoca a ciência moderna, através da delimitação de uma disciplina pela definição de seu objeto e, por o outro, argumenta a favor da informação para a ação, inserindo-a no fluxo do conhecimento e caracterizando a área como uma ciência pós-moderna (Smith & Tálamo, 2007).

Néstor Garcia Canclini (2007) tem vislumbrado esse dilema no debate sociedade da informação versus sociedade do conhecimento. O antropólogo e filósofo argentino assinala que, “quem prefere a primeira fórmula considera que os avanços e transformações modernizadores nutrem-se da industrialização da informação e do seu emprego sistemático para reestruturar os processos produtivos” (p.240). O enfoque tem sua justificativa no paradigma iluminista, cujo esforço educativo estava caracterizado por uma racionalidade que representava a produção e a transmissão de conhecimentos universais e verdadeiros. Nesse período da história das ideias, que parte do iluminismo, acreditava-se na razão como “responsável pelo prodigioso desenvolvimento técnico e científico da época, que imporia condições de superação da ignorância, das injustiças e das desigualdades” (Smith & Tálamo, p. 30).

No entanto, como explicar, por exemplo, a desigualdade de acesso aos mercados de trabalho por parte dos jovens, que dispõem dos novos conhecimentos e capacidades no uso das tecnologias de informação e comunicação? Casos como esse, sem dúvida, evidenciam que muitas degradações da vida social não podem ser abordadas só com uma concepção tecnológica ou informacional da sociedade; é preciso a intervenção de outras variáveis: sociais, políticas e culturais, que não são contempladas pelos modelos iluministas ou tecnocráticos. Warschauer (2006) alerta que, diante uma sociedade da informação, o elemento de divisão social mais importante não é a conectividade técnica, e sim “a capacidade pessoal do usuário de fazer uso desse equipamento e dessa rede, envolvendo-se em práticas sociais significativas” (p.64). Trata-se, de acordo com Almeida (2009), de saber onde está a informação, como buscá-la, como transformá-la em conhecimento específico para aquilo que se quer fazer.

Alberto Melucci (2001) considera o conhecimento como fundamental para se situar de maneira significativa nas sociedades complexas, já que permite revelar a natureza real das relações sociais por trás das aparências que as instituições oficiais ou dominantes tendem a impor à vida coletiva. Nesse sentido, Canclini conclui que no contexto atual podemos conectar-nos com os outros unicamente para obter informação, tal como o faríamos com uma máquina provedora de dados. Conhecer o outro, porém, é lidar com sua diferença, com sua forma de pensar, sentir, expressar e reagir diante uma experiência que nos interpela.

A reflexão é importante para entender, por exemplo, a emergência de movimentos sociais na era digital, os quais se apresentam como sintomas de movimentos

antagonistas aos interesses das grandes empresas e dos valores de consumo do mundo contemporâneo. É, sob esse cenário, que o presente trabalho levanta o debate sobre o poder da internet como uma rede de informação descentralizada e autônoma, na qual movimentos sociais, pensados na linha de coletivos culturais mediáticos, podem organizar-se de maneira livre e escapar do domínio das grandes empresas e dos governos locais; além de analisar a produção e apropriação social do conhecimento, específico e significativo para aquilo que se quer fazer. O estudo aponta então para a importância da compreensão social do campo da Ciência da Informação, dadas as configurações econômicas, sociais e culturais ocorridas no último século, as quais, basicamente dependeram do conhecimento e da informação. Isto é, “que a informação em suas múltiplas formas e concepções (científica, artística, mercadológica) tornou-se central na dinâmica social contemporânea” (Almeida, 2009, p.13). Sob essa concepção, a CI seria concebida não como um campo já estabelecido, mas, em processo de construção e produção, sendo, portanto, vislumbrada como uma ciência que encontra na atividade dos seus pesquisadores e profissionais a definição do seu conteúdo e contexto social.

Movimentos sociais, juventude e TIC

Começou nas redes sociais da internet. Pelo menos assim o observou Castells (2013), ao estudar os movimentos sociais na era digital em seu último livro, intitulado “Redes de indignação e de esperança”. O texto do sociólogo sugere, principalmente, algumas hipóteses, baseadas na sua experiência, sobre a natureza e as perspectivas dos movimentos sociais em rede, a fim de identificar os novos rumos da mudança social em nossa época e de estimular o debate das implicações práticas e políticas da sua teoria. Contudo, não se pretende aprofundar em todas essas questões, e sim discutir acerca da relação movimentos sociais, juventude e Tecnologias de Informação e de Comunicação.

Para se entender essa relação, a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação¹, partirá do suposto de que a comunicação é um direito humano, reflexão que tem mudado o *modus operandi* do chamado usuário na Ciência da Informação – aquele indivíduo que se vale e que usa a informação tanto para o desenvolvimento de suas atividades pessoais, como também para a solução de problemas específicos –, posicionando-se como um ator ativo, capaz de interagir e gerar conteúdos em uma ambiência digital/*online*. Assim, a partir dessa perspectiva, a passividade do usuário frente aos fluxos informativos toma nova forma, reconfigurando seu posicionamento de emissor-receptor na estrutura do sistema comunicacional. Clay Shirky, considerado um dos pensadores mais influentes da revolução da internet, relata que pela primeira vez na história da televisão, alguns grupos de jovens estão vendo menos TV do que os mais velhos. “Populações jovens com acesso à mídia rápida e interativa afastam-se da mídia que pressupõe puro consumo” (2011, p.15).

A ideia faz sentido, quando ao estudar os movimentos sociais em rede pode-se identificar, como um de seus indicadores constitutivos, à juventude, perfilada por alguns autores como um movimento heterogêneo, que apresenta diferenças, derivadas da desigual distribuição do capital econômico e educativo, das redes formais e informais às que se pode acessar; “no universo denominado classe criativa, trendsetters ou empreendedores existem variadas formas de situar-se, agrupar-se e competir” (Canclini & Cruces 2012, p.7). Os autores partem da premissa que a versatilidade dos modos de ser jovem está dada pelo acesso e uso das TICs, pela flexibilidade dos mercados laborais e a incerteza sobre o futuro nas vagas de trabalhos.

As hipóteses não estão longe do que acontece na prática. Castells (2013) explica que, no caso das revoltas na Tunísia, no 2011, os que deram início ao movimento na rede e os que desempenharam o papel mais ativo no protesto foram, principalmente, jovens desempregados. De acordo com os dados compartilhados pelo autor, a taxa de desemprego no país era de 13,1%, e ela alcançava o 21,1% entre os jovens com diploma

¹ Os textos finais da Cúpula podem ser consultados em: <http://www.itu.int/wsis/outcome/booklet-es.pdf>

universitário. Portanto, a relação de educação com falta de oportunidades foi propícia para a revolta na Tunísia, como em todos os outros países árabes.

Essa esclarecimento é importante para entender a participação juvenil no contexto atual. Relatórios e pesquisas, principalmente na América Latina, evidenciam que os jovens estão-se colocando nas margens de organizações existentes não por desinteresse ou apatia política; mas sim porque rejeitam os métodos pelos quais essas organizações são geridas. Dados do Latinobarômetro² em 2004 mostram que, na última década, mais de 60% da população brasileira não vê os partidos como instituições mediadoras eficientes de seus interesses e demandas perante o Estado; pelo contrário, são essas instituições (partidos e governos) que detêm o menor índice de confiança entre os brasileiros na média 85% de desconfiança nos últimos 16 anos (Baquero, 2009).

Por sua parte, o relatório mundial de juventude, das Nações Unidas no 2005³, assinala que: “Un factor que parece contrarrestar el declive en la participación tradicional y cívica de los jóvenes son las actividades basadas en la internet relacionadas con causas cívicas y políticas (...) Las tecnologías de la información y las comunicaciones están creando nuevas formas de “ciberparticipación, que abren (...) cauces de participación creativos, abiertos y no jerárquicos”⁴. Observa-se, portanto, que as TIC se apresentam não apenas como ferramentas, mas como formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para a autonomia política. Em outras palavras, “o mundo contemporâneo coloca à disposição dos indivíduos uma gama inédita de recursos simbólicos que estendem seu potencial de individuação (autonomia/autorealização)” (Almeida, 2009, p.15).

Entretanto, para Shirky (2011), algo que se torna notável na era digital é que pode-se, a partir do uso e acesso às TIC, tratar o tempo livre como um bem social geral, aplicado a projetos coletivos, em vez de um conjunto de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez. De fato, nesse sentido, Castells acrescenta que os movimentos sociais de hoje são constituídos de indivíduos – no plural –, diferentes dos movimentos que ocorreram ao longo da história, onde se encontram poucos indivíduos; “as vezes apenas um único herói, acompanhado por uma multidão indiferenciada, chamada classe social, etnia, gênero, nação, fiéis ou quaisquer outras denominações coletivas dos subconjuntos da diversidade humana”, explica o autor em suas palavras (2013, p.21).

Heloiza Matos (2009) estuda os efeitos que produz internet sobre o capital social – aqui entendido como a criação de vínculos de confiança, reciprocidade, colaboração, engajamento social e cívico –, para entender como essa rede de indivíduos negociam a diversidade de interesses e valores presentes nela para se concretar num conjunto de objetivos comuns.

Robert Putnam (2000 como citado em Pariser, 2012, p.21) identifica dois tipos de capital social: o primeiro, o capital de ligação, dirigido para grupos já formados e criados. Para o caso: a participação de um encontro de ex-colegas da faculdade. O segundo, o capital ponte, que tem um potencial significativo no contexto atual, pois ele permite buscar ajuda em diferentes redes sociais, com interesses e gostos diversos. Ou seja, poderíamos considerar a internet como um exemplo, certo?

Errado. O que acontece é a criação de muitas ligações, mas muito poucas pontes. Assim o intuem alguns dos entusiastas da internet, como Tim Berners-Lee, o criador da World Wide Web (2000 como citado em Pariser, 2012, p.23), que esperava que “a rede fosse uma nova plataforma para enfrentar problemas sociais” – terrorismo, corrupção nas instituições públicas, escassez de recursos naturais –, os quais tem uma abrangência enorme e que só se conseguiriam superar com a participação de todos e num espaço onde se possa exercer uma dinâmica efetiva de mediação entre diferentes arenas e atores políticos. Nesse sentido, expressará o filósofo uruguaio, Rafael Capurro (2014), é preciso a criação de espaços públicos online não sometidos às

² O Latinobarômetro é um estudo de opinião pública que se aplica anualmente em 18 países da América Latina, na perspectiva de estudar aspectos políticos, sociais e culturais para medir valores, atitudes e comportamentos. LATINOBARÔMETRO, 2004. Disponível em: www.latinobarometro.org. Acesso em: agosto de 2015.

³ O relatório mundial sobre juventude das Nações Unidas pode ser consultado em: http://www.cinu.mx/minisitio/UNjuventud/docs/A_60_61.pdf

leis do mercado e a seus interesses de “coisificar” e “codificar” aos cidadãos, confundindo constantemente o quem somos com o que somos.

Eli Pariser demonstra que existem mais aspectos em jogo, em seu livro: “O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você”, ao justificar que as informações que se procuram no Google, Facebook e demais sites na web – especialmente por responder aos interesses corporativos das grandes empresas e à lógica de consumo do mundo contemporâneo - não são neutras: “na verdade, quando as vemos dentro da bolha, é quase impossível conhecer seu grau de parcialidade” (2012, p.15). Os filtros⁴ existem por serem a base dos lucros dos sites na internet e, portanto, será cada vez mais difícil evitá-los, colocando barreiras ao acesso à informações relevantes para ações cidadãos, prejudicando o processo de autocomunicação.

Nos últimos anos, a mudança fundamental no domínio da comunicação foi a emergência da autocomunicação – o uso da internet e das redes sem fio como plataformas da comunicação digital. Nesse processo identificado por Castells (2013), “a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada” (p.16). Isto é, conclui o autor para explicar o agir dos movimentos sociais, porque a autocomunicação de massa baseia-se em redes horizontais de comunicação interativa que, geralmente, são difíceis de controlar por parte de governos ou empresas.

Assim ocorre com o ciberativismo, um ativismo que se utiliza das TICs e dessa estrutura de autocomunicação promovendo o fortalecimento de organizações global e localmente, para a organização e coordenação de campanhas, protestos, denúncias, petições, difusão de informações e outras práticas relacionadas a objetivos sociais (Di Felice, 2013). Essas possibilidades alteram a ação ativista, que passa a ser transformada pela própria materialidade dos meios utilizados, compondo novas formas de atuação e presença.

Baseadas na possibilidade de autocomunicação emergem iniciativas que fazem a fusão

o midialivrista é o hacker das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses hackers captam a dimensão hype de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. Essa narrativa hackeada, ao ser submetida ao compartilhamento do muitos-muitos, gera um ruído cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato (Malini & Antoun, 2013, p. 23)

Incrustados na batalha entre os filtros invisíveis e os processos de autocomunicação, os movimentos midialivristas procuram utilizar e assegurar liberdades e construir novas ferramentas que possibilitem maior autonomia e democratização do acesso e apropriação social da informação.

Midialivristas: artífices da informação na era digital

Uma das primeiras iniciativas de mídia livre que se utiliza das TIC como ferramentas livres e de conteúdos publicados usando do regime de copyleft para que pudessem ser disseminados foi o Independent Media Center (IMC), criado por organizações e ativistas da mídia independente e alternativa para oferecer uma cobertura jornalística minuto a minuto dos protestos de novembro de 1999 contra a Organização Mundial do Comércio em Seattle no Estado de Washington, noroeste dos Estados Unidos (Malini & Antoun, 2013). Os diversos meios utilizados para a produção de conteúdos e disponibilização em formato aberto geraram produtos derivados como documentários e um jornal. Para Fábio Malini e Henrique Antoun (2013), o IMC é o

⁴ O autor utiliza a metáfora de bolha de filtros para se referir aos mecanismos que acabam por criar um universo de informações personalizado, que alteram fundamentalmente o modo como nos deparamos com as informações.

exemplar de um “ativismo nativo do ciberespaço” que, diferente de outros midialivrismos antecessores que faziam uso de técnicas como zines, panfletos, folhetins e outros tipos de impressos, ou das radiofrequências piratas, o IMC está atrelado ao uso de uma nova forma de expressão que molda suas possibilidades, referente aos tipos de mídias utilizadas e, também a fonte multidirecional de contribuições e a possibilidade do digital em armazenar e possibilitar novos usos para os produtos.

Dois tipos de entendimentos de midialivrismo foram identificados pelos autores, um midialivrismo denominado de massa, que reúne as experiências de movimentos sociais organizados e que precisam de espaços para difusão, além de se posicionar como antagonistas ao modo de fazer dos conglomerados empresariais de mídia; o outro, um midialivrismo ciberativista que visa uma produção sem intermediários da cultura, uma produção livre, incessante e comum, sem quaisquer níveis de hierarquia, portanto, que liberte da dinâmica de comunicação *um-todos*.

O midialivrismo de massa quer se liberar do poder concentrador da propriedade dos meios de comunicação; o ciberativista quer radicalizar os direitos fundamentais (ou mesmo subverter o sentido liberal destes), sobretudo a liberdade de expressão. Ambos reivindicam uma outra economia política dos meios, em que a propriedade dos meios deve ser comum, isto é, que a cooperação na produção social de conteúdos midiáticos seja regida por uma estrutura decisória coletiva da sociedade civil e por um direito de autor que permita que os conteúdos circulem livremente pela sociedade, e não apenas se torne uma máquina arrecadadora de patentes. (Malini & Antoun, 2013, p. 21)

Sob essa perspectiva e a partir do estudo de dois fenômenos coletivos organizados em rede, o Mídia NINJA, no Brasil; e o desInformémonos, no México, questionamos se nos deparamos com novos artifices da informação. De acordo com o sociólogo italiano, Alberto Melucci, o conceito de movimento, nascido para identificar atores históricos que interferem em processos políticos/estatais, se apresenta limitado para explicar ou entender fenômenos coletivos organizados em rede. Portanto, consideramos os coletivos como: 1. Mediáticos, por seu protagonismo na cobertura de jornadas massivas em seus respectivos países, e por reagir como agendas alternativas à mídia tradicional; 2. Culturais, por sua criatividade política-artística no uso de diversos tipos de mídias, assim como das emoções provocadas pelas narrativas que produzem, cristalizando-se num ambiente virtual de arte e significação; 3. Informativos, por sua dinâmica na organização/disseminação da informação de forma descentralizada e seletiva. Assim, passamos a uma breve descrição sobre os coletivos estudados neste trabalho.

Mídia NINJA⁵

Durante os movimentos de 2013, no Brasil depois foram denominados Jornadas de Junho, o acompanhamento de um coletivo midialivrista ganhou destaque, o Mídia NINJA (<https://ninja.oximity.com/>), seu título, um acrônimo para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Sua atuação baseada principalmente na transmissão em tempo real as imagens das manifestações com seus *smartphones*, protagonizando uma grande novidade na difusão de informações e se posicionando como alternativa ao que era noticiado pela mídia tradicional. Pelo menos assim o observa a jornalista e professora, Elizabeth Lorenzotti: “nas manifestações que tomaram as ruas de várias capitais, ganhou – o NINJA – maior visibilidade e chegou a picos de audiência de mais de 120 mil espectadores. O que significa uma marca de 1,2 dos ibopes oficiais” (Lorenzotti, 2014). Um número, segundo a autora, que bastante considerável, pois muitos programas da TV aberta não o atingem.

A transmissão em tempo real e a produção de textos feita pelos NINJAS, eram divulgadas utilizando diversas redes sociais e gerando outros produtos derivados. Assim como aficionados que passaram a produzir copiando o modelo do coletivo. Em menos de três meses, conclui Lorenzotti (2014), os jovens do coletivo, nas ruas de várias capitais do país, protagonizaram acontecimentos impensáveis antes das

⁵ Ver mais sobre o histórico da cobertura das manifestações pelo Mídia NINJA em Lorenzotti, E. (2014). Jornalismo no século XXI: O Modelo #mídiaNINJA, e-book.

jornadas de junho. “Despertando os aplausos e as invejas da esquerda e da direita, criando uma audiência de seguidores fiéis, estiveram nas redes sociais, nos jornais da mídia nacional e internacional, etc. etc.”, nas palavras da autora.

*desInformémonos*⁶

O *desInformémonos* (<http://desinformemonos.org.mx/>), nasceu o dia 15 de outubro de 2009, com o propósito de ser um projeto de comunicação autônomo, livre e independente. A diversidade nas suas temáticas está refletida no seu grupo de colaboradores, os quais procedem de diferentes partes do mundo, além disso o coletivo é descrito como um espaço que coleta informação das ruas, dos bairros e das comunidades, visibilizando aqueles cidadãos ou coletivos excluídos pela grande mídia: migrantes, indígenas, artistas, crianças de rua, camponeses e estudantes. O coletivo tem ganhado reconhecimento mundial por seu trabalho na cobertura dos recentes episódios sobre a desapareção forçada de 43 estudante da Escuela Normal Rural Raúl Isidro Burgos, no município de Iguala, do Estado de Guerrero, no México. Sua força está no gerenciamento de informações, enviadas por colaboradores espontâneos em diversos tipos de mídias, os quais foram se somando, desde o local, a uma causa mais abrangente.

Para compreender estas novas ações midiáticas, é preciso considerar que estão inseridas na atual cultura da participação e cooperação (Shirky, 2011) e uma cultura de mobilidade que são marcas da sociedade do conhecimento. As escolhas tecnológicas desses coletivos demonstram esse aspecto. A utilização de *live streaming*⁷ geralmente feito a partir de câmeras portáteis e aparelhos de *smartphone* permitem que as informações cheguem aos interagentes em tempo real, mesmo com limites de qualidade, pois no auge dos acontecimentos muitas dessas imagens são borradas, pixelizadas, instáveis e sem foco.

Essa capacidade de vivenciar as imagens de dentro do protesto, do ponto de vista dos que estão presentes em tempo real produz uma outra relação com o tempo e a presença. Conectados aos comentários e à circulação da rede, os *live streamings*, seriam objetos informacionais que se realizam no acionamento de várias ferramentas digitais e são utilizados para formar narrativas dos fatos. Juntam-se diversas telas formando uma narrativa que pode se compor de diversos ângulos e vozes. As transmissões podem ser realizadas por diversos integrantes do coletivo e disponibilizadas por meio de links em diferentes redes sociais. O sujeito interagente decide quais links irá acompanhar, tendo a liberdade de saltar de um link de streaming para outro, ou acompanhar vários deles. Assim as narrativas tem uma nova composição de acesso à informação que está em parte situada no produtor (o que gera o *live streaming*) e se realiza no receptor, que agora interagente constrói a partir de seus interesses, sua maneira de acessar a informação.

Um dos debates intrigantes do uso de tecnologias de *live streaming* é a questão do arquivamento e uso posterior dessas mídias. Apenas algumas das transmissões ao vivo acabam sendo gravadas, pois podem não passar pelo coletivo, mas apenas inspirado nas ações deste, muitos links são colocados na rede por colaboradores que não tiveram esse cuidado. O Mídia NINJA conta hoje com um banco de dados de 1500 vídeos oriundos de streaming que ficam disponíveis para visualização, sem tratamento documental formal, apenas contando com metadados básicos como data, hora, título do evento filmado e duração. Não há um sistema de busca disponível ou uso de índice de recuperação dos conteúdos dos vídeos. Uma vez que há uma real possibilidade de gerar produtos culturais oriundos destes recursos e um reconhecimento institucional ao trabalho dos coletivos, como por exemplo a exposição de fotografias da cobertura das Jornadas de Junho que foi realizada no Museu de Arte Moderno de São Paulo com imagens do coletivo Mídia NINJA, a

⁶ Ver mais sobre o histórico do *desInformémonos* em Almeida P. & Ulate A. C. (2015). Handbook of Social Movements across Latin America. New York London: Springer. E-book.

⁷ Tecnologia de transmissão ao vivo de dados via rede por meio de fluxo de mídia, que possibilita que informações multimídia possam ser facilmente distribuídas e acessadas em tempo real.

importância de um sistema de organização para essas informações se faz necessária, mas precisa compreender os aspectos originários, como a não atribuição de autoria que protege a identidade dos envolvidos como exemplo.

Para Malini e Antoun, as coberturas em *live streaming* possuem característica de “forma-movimento” (2013, p. 246) em si mesma. Filmar dentro dos protestos seria uma forma de resistência, a qualidade baixa das imagens retrata em si os percauços desse tipo de captação de imagens. As imagens em si, seriam então documentos das represálias e violências sofridas pelos agentes durante a tentativa de se contrapor aos meios de comunicação corporativos e contam com a atração de outros agentes para participar do midialivrisimo como forma de garantir que a transmissão seja incessante. Colocando em rede o formato do trabalho coletivo, ou seja, mesmo que um agente seja interceptado, outros estarão garantindo a continuidade do fluxo informacional. Já para o coletivo desInformémonos, receber e abrigar vídeos profissionais e amadores de curta duração são em si u recurso de expressão e luta, o registro e a garantia de espaço de divulgação daquilo que deve ser denunciado, levado a conhecimento é um processo de autonomia baseado em uma linguagem dinâmica própria do mundo digital e móvel.

Essa novas espacialidades e temporalidades que foram introduzidos através das tecnologias portáteis e da conexão móvel são o que Castells (2011) denominou como espaço de fluxos e tempo atemporal. Os *live streamings* por atuarem nas duas formas temporais – tempo real e formato de registro – entram em uma circularidade inerente à própria internet, o que faz com que elas gerem interação, feedback, conversação entre os nós em loop infinito. Retroalimentando a escrita de narrativas dos acontecimentos e uma guerra pela própria atualização das narrativas do presente.

Em contraposição a essa perspectiva de se perder o controle pela flexibilidade da rede, Quiroga (2014) manifestará que o jornalismo na internet, pode, também, recuperar informação arquivada em suas hemerotecas digitais de maneira imediata: “Así, en su devenir, la noticia in crescendo se nutre de contextos y relaciones necesarias con solo actualizar contenidos ya publicados” (p.40). Observasse, em resumo, outro dos atributos no modo de apresentar a informação nos ambientes digitais: a memória – aqui entendida como memória múltipla, instantânea e acumulada.

Outro aspecto relacionado é a escolha dos formatos de compartilhamento e que também está ligado diretamente a possibilidade de: derivação das obras e atribuição de autoria. Essas escolhas de compartilhamento, mais ou menos restritas fazem parte do universo midialivrista e de seus objetivos.

O Mídia NINJA utiliza em sua página a combinação de *creative commons*⁸, ou também denominadas licenças criativas para garantir alguns direitos e liberar os conteúdos de outros. A combinação escolhida pelo coletivo é chamada de *Attribution-ShareAlike* (BY-SA 4.0) e permite a cópia e redistribuição de seu material em qualquer meio ou formato, assim como, transformar, remixar, e construir outras obras para quaisquer propósitos, mesmo comerciais, desde que citados os créditos e indicadas as alterações, como também que o material resultante seja compartilhado sob a mesma licença. Uma vez que o conteúdo está disponível na página do coletivo, ele passa a estar licenciado dessa forma, assim ocorre para os diversos formatos de conteúdos como os artigos assinados com a identidade Mídia NINJA ou assinados por um ou mais autores.

O desInformémonos por sua vez, publica em modo de revista semanal *online*, nela os artigos autorais, imagens e vídeos. Separados em seções, os diversos materiais podem ser visualizados e recuperados de diversas formas pois foram indexados usando o sistema de *tagging*. As categorias escolhidas como forma de recuperação temática, consideram interesses e localizações geográficas como relevantes, por receberem contribuições de países diferentes, também consideram a tipologia documental. Utilizam de lincensa *Creative Commons Atribución-NoComercial-*

⁸ *Creative Commons* ou licenças criativas, originalmente criadas por um grupo liderado por Lawrence Lessig e difundidas pela organização não governamental sem fins lucrativos denominada *Creative Commons*, simplifica por meio da criação e padronização de licenças aos autores dar permissão para compartilhar e utilizar o seu trabalho criativo sob as condições de sua escolha.

CompartirIgual 2.5 México (CC BY-NC-SA 2.5 MX), que possui alguns direitos reservados. Por meio desta licença é possível compartilhar, copiar e redistribuir em qualquer meio ou formato e adaptar, desde que realizada a atribuição. Não seja feito uso comercial da obra e os produtos derivados sejam licenciados sob a mesma licença.

Observa-se, neste caso, que o capital cultural e informacional dos coletivos pode crescer no contexto contemporâneo, a partir da produção social do conhecimento propiciado pela internet. A capacidade de disseminação mesmo nos locais em que não existe acesso à internet é uma das preocupações desse coletivo, por isso, conteúdos construídos em forma de áudio e vídeo podem ser levados até comunidades e apresentadas em rádios comunitárias ou associações de bairros, assim como, as próprias comunidades se utilizam desses meios como recursos de expressão e luta e tem o espaço assegurado para a publicação de seus materiais em uma rede global.

Assim, esses coletivos podem ser vistos como estreitamente relacionados ao campo da CI em categorias importantes, mas sua análise se dá por meios de algumas considerações, eles podem ser vistos como:

Meios de acesso à informação, entendida não como sinônimos de um processo governamental regulatório, mas sim num sentido mais abrangente do conceito, possibilitado pela convergência digital; ou seja, a disponibilidade de informações e de fluxos assimétricos na produção de conteúdo, com base no hipertexto e hiperídia, dos ambientes digitais que se valem os coletivos em estudo.

Meios de produção social e cultural do conhecimento, amparando-nos no pensamento de Melucci, ao considerar que, nas sociedades contemporâneas, a produção não se reduz exclusivamente aos recursos econômicos, mas em função de sua alta densidade de informação, além de transformá-la em conhecimento específico para aquilo que se quer fazer.

Sistemas de relacionamento Social e simbólico, focado nas emoções sociais e criativas provocadas pelas narrativas que se constroem nesses ambientes digitais; trata-se, especificamente, da conformação de um ambiente social, de arte e significância.

Considerações finais

As TIC têm um potencial democratizador que facilita a participação e a criação de conteúdos por parte dos cidadãos, mas ao mesmo tempo, convivemos com uma gama de serviços oferecidos por empresas privadas que pretendem capitalizar o conhecimento social que se produz em seus âmbitos, apropriando-se de nossos dados, relações e produções. Trata-se, talvez, de ambientes menos hierárquicos e não totalmente livres dos interesses das grandes empresas e da publicidade, como identificaram Almeida e Crippa:

O que ocorre, diferentemente de época anteriores, é que as TICs configuram agora a possibilidade de criação de espaços menos hierárquicos de circulação, dessas informações, podendo fazer de cada consumidor cultural um potencial crítico ou mediador da informação (ALMEIDA; CRIPPA, 2009, p.11).

Um dilema do campo da distribuição e circulação de informações é que se destacam as aparições de novas formas de distribuição e aquisição que não estão nos canais tradicionais. Aqueles que usam as redes para mobilização social e política estão em geral de alguma maneira comprometidos com o âmbito da cultura livre e tem como uma preocupação a autonomia da rede, a fim de que esses espaços permaneçam assegurados.

Para atenuar essa tensão, Castells (2013) fará referência ao imperativo de ultrapassar as fronteiras digitais, ao explicar que, o processo autônomo de comunicação como facilitador da relação entre os movimentos em rede e a sociedade em geral, é só um componente da estrutura e dinâmica informativa desses fenômenos coletivos; "eles também precisam construir um espaço público institucional, criando comunidades livres no espaço urbano" (2013, p.18).

Contudo, vale concluir que, se o processo autônomo de comunicação dos movimentos sociais está condicionado pelos filtros invisíveis na internet, o conhecimento é fundamental para os atores em conflito, já que permite revelar a

natureza real das relações por trás dos interesses das grandes empresas e os valores de consumo no mundo contemporâneo. Os casos dos coletivos Mídia NINJA e desInformémonos se alinham nessa perspectiva, desde que considerados como midialivristas produzem narrativas em torno aos acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação.

Referências

Almeida, M. A. de. (2009). A produção social do conhecimento na sociedade da informação. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.19, n.1, p. 11-18, jan./abr.

Almeida, M. A. & Crippa, G. (2009). Informação, Cultura e Tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 10. João Pessoa. Anais... Paraíba: UFPB.

Almeida P. & Ulate A. C. (2015). *Handbook of Social Movements across Latin America*. New York London: Springer.

Baquero, M. (2009). Globalização e democracia inercial: o que o capital social pode fazer na construção de uma sociedade participativa. *Capital Social: Teoria e prática*: São Paulo.

Benjamin, W. (1991). El narrador. In: *Para una crítica de la violencia y otros ensayos*. Madrid: Taurus.

Canclini, N. G. (2007). *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Canclini, N. G., & Cruces, F. (Coord.) (2012). *Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales: prácticas emergentes en las artes, las editoriales y la música*. Madrid: Fundación Telefónica.

Capurro, R. (2014). *Ciudadania na era digital*. Recuperado em 19 de janeiro de 2015, de www.capurro.de/ciudadania.ppt

Castells (2011). *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v. 1. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

CMSI: Documentos finais. Unión Internacional de Telecomunicaciones (UIT), Ginebra Disponível em: <http://www.itu.int/wsis/outcome/booklet-es.pdf> Acesso em 19 de janeiro de 2015.

Di Felice, M. (2013). *Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas*. Matrizes, São Paulo: ECA/USP, ano 7, n. 2, p. 49-71, jul./dez.

Larrosa Bondia, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista brasileira de educação*, n. 19, jan./abr.

Lorenzotti, E. (2014). *Jornalismo no século XXI: O Modelo #mídiaNINJA*, e-book.

Malini, F. & Antoun, H. (2013). *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina.

Matos, H. (2009). *Capital Social e Comunicação: interfaces e articulações*. São Paulo: Summus.

Melucci, A. (2001). *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis-RJ: Vozes.

Smith J. W. & Tálamo, M. de F. G. M. (2007) *Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna?*. In: Lara, M. L. G. de, Fujino, A. & Noronha D. P.(Org.) *Informação e Contemporaneidade: perspectivas*. Recife. NECTAR, pp. 27-45.

Organización de las Naciones Unidas: Informe sobre la juventud mundial

Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar.

Putnam, R. (2000). *Bowling Alone: the collapse and Revival of American Community*. Nova York, Simon and Schuster.

Quiroga, A. E. (2014). *La noticia in crescendo: del tiempo real a la actualidad múltiple*. In: ECHEVARRIA, Mirta clara (org.), *PERIODISMO EN LA WEB, lenguajes y herramientas de la narrativa digital*. Córdoba. Editorial Brujas, p.35-50.

Shirky, C. (2011). A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar.

Saracevic, T. (1996). Ciência da Informação: Origem, evolução e relações. *Perspec. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun.,.

Warschauer, M. (2006). Tecnologia e inclusão social. São Paulo: Senac.